

A VONTADE DE CRIAR EM ESTUDANTES DE EDUCAÇÃO BÁSICA: CADERNOS DE LITERATURA

Elisabeth Silva de Almeida Amorim¹

INTRODUÇÃO

O que o estudante faz com a literatura? Essa questão levou-nos aos desmontes literários ocorridos em uma escola pública do interior da Bahia que desde 2007 iniciou os registros da desconstrução do signo literário através dos múltiplos sentidos a ele atribuído ao passar de um signo para outro. O método foi aderido em 2009 por uma escola da rede particular, no município de Iaçú, resultando também em registros através de cadernos literários. Tais publicações compõem o corpus dessa pesquisa de Mestrado em Crítica Cultural, linha Margens da Literatura, orientada pelo professor Dr. Osmar Moreira Santos, com a hipótese: “seria a vontade de potência dos estudantes em assimilar e desmontar a literatura uma questão de afirmação de identidade ou negação da literatura imposta?”

Para análise de dados foram criados dois grupos para identificar as produções atribuídas ao Ensino Médio e Fundamental nas respectivas revistas. O recorte foi dado para as produções com foco na literatura desmontada, sendo o grupo “A” representado pelos estudantes artistas que ajudaram a construir a *Perfil: revista literária do Lauro Farani (2007-2011)* e o grupo “B” pelos artistas dos desmontes nos cadernos literários: *A Dinâmica em nossa vida (2009-2010)*.

Através da teoria da intersemiose (Barthes, 2001), ou seja, o jogo dos signos pelo qual se dá o abraço da literatura na desconstrução linguística, os saberes circulam, mostra-se então, o significado como uma arte de criar na qual os estudantes são os artistas. Abre-se um leque para as possibilidades de significantes, uma vez que a produção literária desmontada recebe novas conotações e desdobramentos através de charges, cartuns, bilhetes, cartas, cartazes, grafites, tiras, histórias em quadrinhos entre outros.

Além das contribuições de Roland Barthes, contamos com Santos, Deleuze e Guattari, Derrida, Certeau e Foucault, teóricos basilares desse trabalho. Para a construção da dissertação seguiremos o sumário:

1 O Ensino da literatura na Educação básica e a teoria da intersemiose: contribuições de Roland Barthes que modificam o cenário cotidiano

1.1 A literatura nossa de cada dia (texto literário, livro didático e PCNs)

1.2 Roland Barthes e a teoria da intersemiose (percursos e teoria)

¹ Mestranda em Crítica Cultural/ Instituto de Letras-UNEB Campus II.

1.3 Literatura rizomática: reparação simbólica do cotidiano literário. (as táticas, crítica cultural e a recepção)

2 Estudantes-artistas em busca de uma literatura menor: entre a vontade de potência e a cartografia do desejo para afirmação de identidade através do método do desmonte.

2.1 Artistas subalternos em cena: desmonte de texto literário em Ensino Médio

2.2 Entre as táticas e intersemiose

2.3 A vontade de potência no Ensino Fundamental

2.4 A literatura-arte como empoderamento de estudantes-artistas.

3 Cartografia da criação em Educação Básica e seus desdobramentos: a política e a cultura nos cadernos literários

3.1 Desmontando a literatura, eis um periódico literário! (Revista Perfil e A Dinâmica em nossa vida)

3.2 Laços culturais e enlaces artísticos e políticos nas produções criativas

3.3 Modos de produção

3.4 De volta à literatura

3.5 O lugar da crítica cultural seguido das conclusões e referências

1 O ENSINO DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO BÁSICA E A TEORIA DA INTERSEMIOSE: CONTRIBUIÇÕES DE ROLAND BARTHES QUE MODIFICAM O CENÁRIO COTIDIANO

Assim que é proferida, mesmo que na intimidade mais profunda do sujeito, a língua entra a serviço de um poder. Barthes, 2001

Inegavelmente, vivemos em um estado de exceção, com isso há uma necessidade de combater os “dispositivos”² capazes de engessar o indivíduo. A literatura pode ser o instrumento político de reparação e de mudança. Mas, como ensinar literatura sem conseguir despertar no outro o gosto pela leitura? Como gostar da leitura se muitas escolas de educação básica continuam sem priorizar espaços de apresentação, prazer e aquisição da obra literária? A carência de bibliotecas ou pontos de

² AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Trad. Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

leituras parece ser proporcional a de leitores, no entanto cabe ao professor de literatura criar mecanismos para incentivar a formação desses leitores.

O ensino da literatura, infelizmente, continua preso aos manuais didáticos, as propostas curriculares fechadas, pois os poucos recursos disponíveis para implementação de propostas de leituras não atendem a demanda. Se permanecermos aprisionados a uma literatura que não desperta a atenção, o prazer da leitura se esvai. Não foi por acaso que estudantes e professores de educação básica criaram as “linhas de fugas”³ para escapar desses aprisionamentos. Afinal, que literatura ou cultura precisa ser defendida nas instituições de ensino? Como criar uma política cultural autônoma sem desconsiderar os manuais didáticos?

Falar da literatura automaticamente remete-nos a uma linguagem conotativa, livre, fora desse poder. Liberdade essa, dada aos leitores ao fazer uso das três forças literárias, segundo Barthes (2001): *mathesis*, *mimesis* e a *semiosis*. Aqui, a *semiosis* terá maior espaço. Porque é essa força de liberdade que oportuniza a multiplicidade de sentidos, fazendo-nos apropriar da fala de Santos⁴ “os nomes não nascem grudados com as coisas.” Então, suscetíveis a mudança, desconstrução, desmonte. E nesta seção, a ênfase é para os teóricos que sustentam a pesquisa. Para Barthes,

Os signos de que a língua é feita, só existem na medida em que são reconhecidos, isto é, na medida em que se repetem; signo é seguidor, gregário em cada signo dorme esse monstro: um estereótipo: nunca posso falar senão recolhendo aquilo que se arrasta na língua.

Ainda Barthes,

[...] literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto, e esse indireto é precioso. Por outro lado, ele permite designar saberes possíveis _ insuspeitos, irrealizados: a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada com relação a esta, semelhante à pedra de Bolonha, que irradia de noite o que aprovacionou durante o dia, e, por esse fulgor indireto, ilumina o novo dia que chega. A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa... ela encena a linguagem... a literatura engrena o saber no rolamento da reflexividade infinita.⁵

A semiologia é a ciência dos signos que recolhe o impuro da língua, o refugio da linguagem, por ela proporcionar a desconstrução linguística (Barthes). Michel Foucault (1996) é pertinente em afirmar que não se deve ter medo de começar, investir na mudança, porque a instituição já tem um discurso pronto, um discurso que já está na ordem da lei, mas na interdição de um discurso que irá

³ DELEUZE, Giles. GUATTARI, Félix. Introdução: rizoma. In: *Capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Ana Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

⁴ SANTOS, Osmar Moreira dos. *Crítica cultural: o esvaziamento do signo combinado à prática política de esvaziamento da representação no poder*. Salvador: VIII Enecult, 8 a 10 de ago 2012.

⁵ BARTHES, Roland. *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França*. Trad. Leyla Perrone _ Moisés. São Paulo: Cultrix, 2001. p. 17-18.

revelar o grau de ligação com desejo e poder. No entanto, a semiologia para o desmonte de signo literário possibilitará a mudança de série revalorando e enriquecendo a linguagem literária.

Utilizar-se das táticas inventivas defendidas por Certeau (1998) como uma forma de reparar esse cotidiano literário, faz-se necessário “esvaziar os sentidos, combater o significado transcendental” (Derrida, 2001), mesmo porque, “nenhum elemento pode funcionar como signo sem remeter a um outro elemento, o qual, ele próprio, não está simplesmente presente. Esse encadeamento constitui-se a partir do rastro que existe nele” idem, p. 32

Por isso, com a desconstrução lingüística do signo literário estamos pensando numa cultura para a autonomia dos estudantes e numa escola que priorize a valorização da existência. E a literatura desconstruída pode funcionar para desmontar outros dispositivos. Assim, esta pesquisa pautada na crítica cultural, apropria-se das contribuições de Santos (2010) ao defender “uma cultura como máquina de guerra a favor de uma vida comunitária e seus modos de vida libertária”.

2 ESTUDANTES-ARTISTAS EM BUSCA DE UMA LITERATURA MENOR: ENTRE A VONTADE DE POTÊNCIA E A CARTOGRAFIA DO DESEJO PARA AFIRMAÇÃO DE IDENTIDADE ATRAVÉS DO MÉTODO DO DESMONTE.

Possivelmente, apenas uma arte ou uma cultura tomada como máquina de guerra fez/faz/fará circular as forças ativas ou os elementos capazes de reengendrar um desconstrução efetiva tanto de uma ética de representação do corpo quanto dos discursos ou modos de representação de uma arte comprometida com os valores de uma cultura de dominação⁶

Nesta seção a ênfase será dada aos métodos utilizados pelos estudantes para desconstruir textos literários. Aqui, registrados como artistas subalternos que mudam a ordem do discurso literário, empoderaram-se através de táticas inventivas e mostram o outro lado da arte literária embasados nas teorias da intersemiose e do múltiplo. Como isso ocorre?

Todo e qualquer desmonte inicia-se com as possibilidades de leituras e interpretações oferecidas pelos manuais didáticos e biblioteca da escola, em seguida estende-se para sites visando ampliação dessas leituras. As primeiras iniciativas de desmontar a literatura eram dadas previamente o comando pelo professor. Transformando a aula de literatura em um laboratório de produção, na qual os estudantes levavam para casa o livro literário a ser desmontado, e na semana ou quinzena

⁶ SANTOS, Osmar Moreira dos. Corpo, arte e máquina de guerra. In: *Folhas venenosas do discurso: um diálogo entre Oswald de Andrade e João Ubaldo*. Salvador: Quarteto, 2002.

seguinte traziam as sugestões, colocando em prática através de oficinas, geralmente ocorridas em dias de sábado.

Em círculo, eram socializadas as sugestões de desmontes, e os grupos iam sendo formados conforme a afinidade com o novo signo a ser apresentado. No entanto, cada vez mais estudantes e escola dispõem de recursos tecnológicos, e muitas pesquisas são feitas na própria sala de aula ou no laboratório de informática da própria instituição. Com isso a frequência em que os desmontes acontecem, não há necessidade de marcar aula complementar.

Todo o material gasto, nas oficinas, foi disponibilizado pelas instituições onde os desmontes aqui analisados ocorreram; com o grupo “A”, estudantes de Ensino Médio continuam ocorrendo. Conforme Bachelard (1996), é preciso investir na cultura experimental e derrubar os obstáculos sedimentados, combater o exercício da repetição. E com a desconstrução linguística não há repetição, mesmo porque cada grupo se empenha para apresentar o texto de forma inovadora sem fugir do foco narrativo.

Ao ler, interpretar, pesquisar, discutir e desmontar o texto literário os grupos de estudantes-artistas provocam deslocamentos, tanto no que se construiu sobre o texto literário quanto no ensino da literatura. Não resta dúvida que ao refletir sobre o que foi produzido, a pesquisa qualitativa passa pela abordagem da pesquisa-ação, segundo Barbier (2004), pois a pesquisa se dá com a efetiva participação de co-pesquisadores, estudantes da educação básica. Assim, essa literatura desmontada vem ganhando destaque, o grupo precursor foi uma turma de 2º. ano Ensino Médio e atualmente há um envolvimento muito grande de toda a escola, mesmo os mais resistentes, fazem desmontes às vezes sem perceber.

Assim, muito útil a afirmação de Deleuze e Guattari (1977) “A literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior.” E essa minoria, que iniciou em 2007, desmontando o livro de Dom Casmurro de Machado de Assis, conseguiu além dos resumos, mas fazer com que toda a escola conhecesse Dom Casmurro através de charges, entrevistas, horóscopo, tira humorística e história em quadrinhos, anúncios criativos entre outros. O resultado desse trabalho tem muito a ver com o que Nietzsche (2010) defende “Toda significação é vontade de potencia... vontade de potência é um apetite insaciável de manifestar a potência”.

Foram analisadas quatro edições da revista *Perfil* produzida pelo grupo A e duas edições dos cadernos literários *A Dinâmica em nossa vida*, produzidos pelo grupo B. Primou-se pelas produções com foco na literatura desmontada, no entanto para a realização da pesquisa foram estudados também dois livros didáticos de língua portuguesa (v.3) utilizados na U.E nos períodos 2007-2011, marco temporal da pesquisa. E através de pesquisa investigativas com os co-pesquisadores

(estudantes de ensino médio) houve também uma busca nas bibliotecas para coleta de títulos sugeridos nos referidos manuais.

Vale ressaltar que os grupos “A” e “B” fazem desses desmontes um dever constante, pois a cada apresentação de um texto transmutado em charge, cartum ou carta etc não se encerra nela mesma. A nova série é mais uma forma de repensar o que foi feito e desfeito ao longo dos anos. Uma prática metodológica que dialoga com a crítica cultural e estes estudantes subalternos, antes invisibilizados pelo sistema, cada vez mais mostram que é possível dessacralizar a linguagem literária.

A terceira parte, trata-se das interpretações e retorno à literatura das produções publicadas e apresentadas ao longo do texto dissertativo, bem como a recepção da pesquisa em diferentes espaços acadêmicos. Porém essa etapa está sendo escrita e será apresentada em outro momento.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Trad. Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico*. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BARBIER, René. *A pesquisa-ação*. Trad. Lucie Didio. Brasília: Líber Livro Editora, 2004.
- BARTHES, Roland. *Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França*. Trad. Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Cultrix, 2001. p. 17-18.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1997.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: rizoma. In: *Capitalismo e esquizofrenia*. Trad. Ana Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- DERRIDA, Jacques. *Posições*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: arte de fazer*. 3 ed. Trad. Epherim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- GALLO, Silvio. O professor-artista: educação de si e revolução molecular. In: SANTOS, Cosme Batista; GARCIA, Paulo Cezar Souza; SEIDEL, Roberto Henrique. (orgs) *Crítica Cultural e educação básica: diagnósticos, proposições e novos agenciamentos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011. p. 15-27.
- NIETZSCHE, F. W. *Vontade de potência I*. Trad. Antônio Carlos Braga; Ciro Mioranza. São Paulo: Escala, 2010. p. 414.
- SANTOS, Osmar Moreira dos. Corpo, arte e máquina de guerra. In: *Folhas venenosas do discurso: um diálogo entre Oswald de Andrade e João Ubaldo*. Salvador: Quarteto, 2002.
- SANTOS, Osmar Moreira dos. *Crítica cultural: o esvaziamento do signo combinado à prática política de esvaziamento da representação no poder*. Salvador: VIII Enecult, 8-10 de ago 2012.

SANTOS, Osmar Moreira dos. Uma estranha ideia de reparação. In: *Heterotopia: reparações-dramatizando ordens de despejo linguístico, cultural e territorial*. Universidade do Estado da Bahia; Alagoinhas, Campus II, Ano 3, n 4, dez /2011. p. 2.

